

# Ciudad Real: Um sítio Guarani-Espanhol no alto Rio Paraná<sup>1</sup>

Virginia Drew Watson<sup>2</sup>

## Resumo

Esta é uma tradução do artigo publicado em 1947. Conforme a autora, os objetivos deste estudo são três: (1) disponibilizar aos arqueólogos interessados o material arqueológico que formará a base dessa discussão; (2) indicar vários problemas da arqueologia da região onde o sítio está localizado; (3) apresentar um breve relato da história do sítio a partir dos documentos existentes.

Palavras-chave: Arqueologia pré-histórica, História colonial, Assentamento hispano-Guarani

## Abstract

This is a translation of the article published in 1947. According to the author, the objectives of this paper are three-fold: (1) to make available to archaeologists the data which form the basis for this discussion; (2) to point out several problems of the archaeology of the area in which the site is located; (3) to present a brief account of the history of the site based on available documentation.

Keywords: Prehistoric archaeology, Colonial History, Hispanic-Guarani settlement

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado com o título *Ciudad Real: a Guarani-Spanish site on the Alto Paraná River*. **American Antiquity**, 1947. 2(1):163-176. Tradução e revisão: Thomas Bonnici e Francisco Silva Noelli, da Universidade Estadual de Maringá, Paraná.

<sup>2</sup> Department of Anthropology

## University of Oklahoma

Os objetivos deste estudo são três: (1) disponibilizar aos arqueólogos interessados o material arqueológico que formará a base dessa discussão; (2) indicar vários problemas da arqueologia da região onde o sítio está localizado; (3) apresentar um breve relato da história

do sítio a partir dos documentos existentes.

O material em discussão consiste em fragmentos de cerâmica que foram coletados<sup>3</sup>, com algumas exceções<sup>4</sup>, da superfície do sítio de Ciudad Real, localizada na margem leste do rio Paraná, na confluência do rio Piquiri, no estado do Paraná, Brasil (Fig.01).

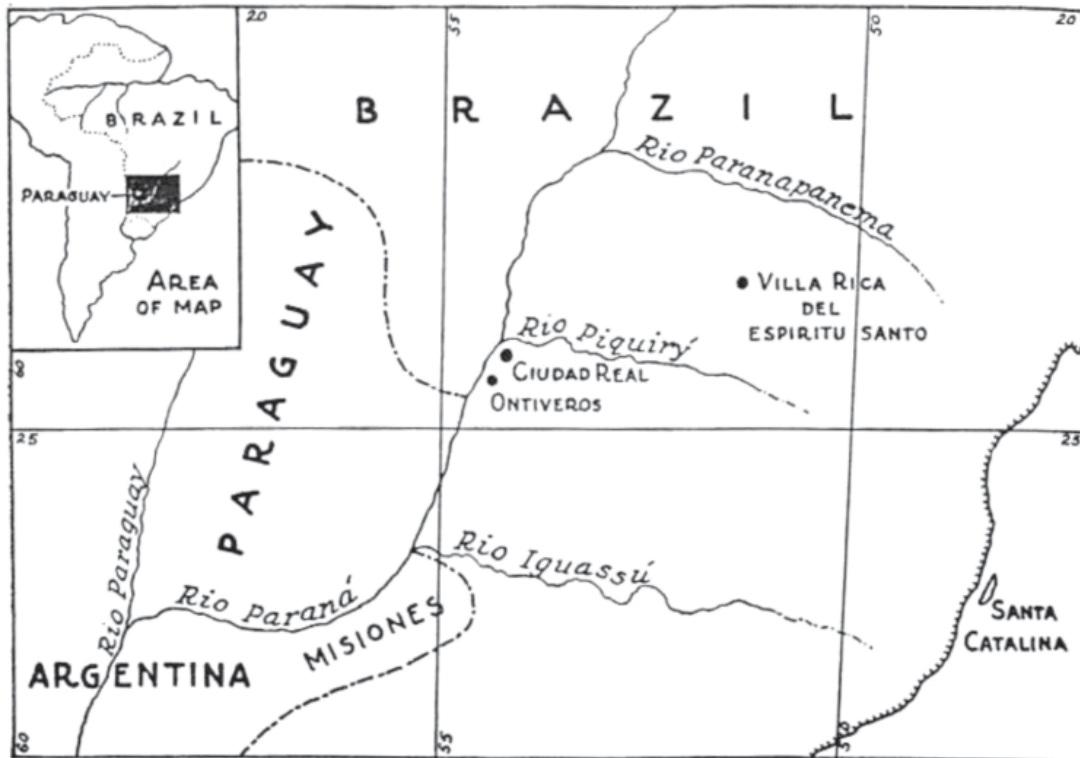


Fig.01: Mapa mostrando o local do sítio Ciudad Real

O sítio está localizado na margem elevada do rio, quase 18 km ao norte da cidade moderna de Guairá, Paraná, Brasil, e aproximadamente a seis milhas acima das Sete Quedas<sup>5</sup>. O acesso é mais viável por rio. No que pode ser verificado, o sítio se estende por uma distância de, pelo menos, 800 m ao longo da margem do rio Paraná. Não se sabe a que distância o sítio se estende a partir do rio; caminhamos por cerca

de 90 metros na direção norte, da margem do rio para o interior, e não conseguimos encontrar o seu limite mais oriental.

Atualmente a maior parte desse sítio é cultivada. Sem dúvida este fato o desfigurou significativamente. Todavia, os métodos agrícolas usados não deveriam ter sido tão destrutivos para os restos arqueológicos quanto a agricultura traba-

<sup>3</sup> A coleção está no Museu Nacional, Rio de Janeiro (todas as notas a seguir são da autora).

<sup>4</sup> Duas grandes vasilhas, que podem ser restauradas, foram desenterradas recentemente por um agricultor, também são objetos da nossa análise.

<sup>5</sup> A queda d'água é também chamada Salto del Guairá.

lhada por arado, já que o distúrbio do solo não é tão profundo. Há duas pequenas chácaras sobre o sítio arqueológico. Não se sabe se há mais, mas parece improvável; além disso não há outras na margem do rio. Certas partes do sítio são cobertas por uma floresta secundária.

Numa outra parte deste estudo daremos a documentação histórica do sítio e da área em que está localizado. Estas fontes, incluindo registros completos das atividades dos primeiros exploradores e missionários na região, tratam apenas ocasionalmente da população indígena. Contudo, a literatura está enriquecida por várias referências de grande importância aos arqueólogos e aos etno-historiadores.

Embora haja uma volumosa literatura de relatos históricos, de viagens e outros dados referentes ao vale do alto rio Paraná, os dados arqueológicos publicados são escassos; além disso, a maioria dos estudos existentes não é recente, nem a maioria dos pesquisadores fez escavações intensivas. Espera-se que esse estudo focalize este campo negligenciado da arqueologia sul-americana, uma área de muita importância, e que será mais extensivamente explorada em um futuro próximo. Reconhece-se a escassez de material arqueológico (coleta superficial apenas) para fins de estabelecer conclusões. Contudo, pensa-se que o material existente poderia ser usado com grande vantagem como o um núcleo ao redor do qual organizam-se outros dados para pautar certos problemas significativos da região<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Esta coleta foi feita durante o período no qual a escritora era Junior Roosevelt Fellow no Institute of International Education of New York. Ela deseja expressar sua gratidão para esta instituição e para as seguintes pessoas: Dona Heloísa Alberto Torres, Diretora do Museu Nacional, Rio de Janeiro; Eduardo Galvão, naturalista do Museu Nacional, Rio de Janeiro; George D. Howard, da Boston University, pela leitura crítica do manuscrito; Ralph B. Shead, do Museu da University of Oklahoma, pela seus excelentes desenhos; e James B. Watson, pelo seu auxílio e críticas na coleta e na análise do material para este artigo. Um agradecimento especial é devido ao Sr. Eduardo de Oliveira César, de Buenos Aires, que nos mostrou o sítio de Ciudad Real e generosamente providenciou os arranjos para nós o visitarmos.

<sup>7</sup> Há apenas muito poucos fragmentos, os quais, após minuciosos exames, poderiam provar que foi temperado por fibra, possivelmente casca de árvore.

## Descrição da cerâmica

Algumas afirmações gerais podem ser feitas sobre a cerâmica. Tudo indica o uso da técnica acordelada na manufatura da cerâmica. O fundo de muitas vasilhas o mostra e o artefato corrugado corrobora tais indicações. Além disso, parece que o alisamento das vasilhas foi feito por raspagem e não por torno de oleiro e bigorna. O material predominante do anti-plástico é o arenito, embora ocorra também argila. Não há nenhuma evidência de anti-plástico de concha, osso ou fibra<sup>7</sup>.

Com base na coleta de superfície, cinco tipos de cerâmica foram reconhecidos: corrugado, unglado, policromo, escovado e liso. As investigações ou as escavações futuras podem mostrar a definição de outros tipos, alguns ou todos representados na presente coleção. Todavia, sua escassez relativa não garante estabelecê-los como tipos. São incluídos também vários tipos de fragmentos incisivos, impressos com cestos e nodulosos.

## Tipos predominantes

Como os primeiros cinco tipos de cerâmica mencionados foram encontrados com tanta quantidade, não há dúvida de que foram feitos pelos habitantes do sítio e, portanto, serão rotulados. O termo "Guairá" será aplicado a estes tipos por razões que se tornarão mais claras em outras partes deste estudo: Guairá corrugado, Guairá unglado, Guairá escovado, Guairá policromo e Guairá liso.

**Guairá corrugado.** É o tipo mais comum; o artefato é feito com uma pasta média. O tempero consiste em arenito, com a predominância de areia, embora haja também algumas partículas angulares. Após a queima o núcleo do artefato é preto, enquanto os lados externos variam de uma cor bronze avermelhado para marrom avermelhado. A espessura dos fragmentos varia de 1,0 cm a 1,5 cm e a dureza entre 3,0 a 4,5. O interior das vasilhas foi feito através de uma série de roletes alisados e polidos. No exterior da vasilha, contudo, os roletes eram apertados através de uma série de impressões de dedos. Parece provável que estas impressões eram feitas com o polegar da mão direita e que a ceramista movia sua mão na direção anti-horária (ou a vasilha na direção horária); a força vetorial situa-se na direção horária. As impressões digitais das oleiras são evidentes em muitos fragmentos. Há também indicação de que a oleira ou fez as impressões digitais enquanto construía os roletes ou, se esperava até que a vasilha fosse terminada antes de colocar a sua impressão, trabalhava de baixo para cima.

As formas das vasilhas não puderam ser descritas até o momento. Nenhum dos fragmentos corrugados fornece indicações seguras sobre a forma da vasilha; além disso, a vasilha restaurável ainda se encontra fragmentada. É possível que as formas das vasilhas sejam semelhantes às aquelas corrugadas, descritas por Lothrop (1932), Ambrosetti (1895) e outros. O tamanho e espessura dos fragmentos sugerem vasilhas

grandes. Duas formas de borda frequentemente encontradas em vasilhas corrugadas são mostradas na figura 2 (a, b). Um fragmento de borda mostra uma série de pedaços de argila aplicados à borda - ou talvez um longo rolo de argila que havia sido marcado sucessivamente por impressões de polegar ou de dedo.

Nordenskjöld (1919:217-218), concluiu que este tipo de ornamentação de cerâmica havia originado entre os Guarani<sup>8</sup> e foi disseminada por eles. Ele discute também sua distribuição. É muito interessante o fato que uma cerâmica aparentemente semelhante, senão idêntica, foi encontrada também em Misio-nes, Argentina (Ambrosetti, 1895), e no Delta do Paraná (Lothrop, 1932:132; Outes, 1917:268).

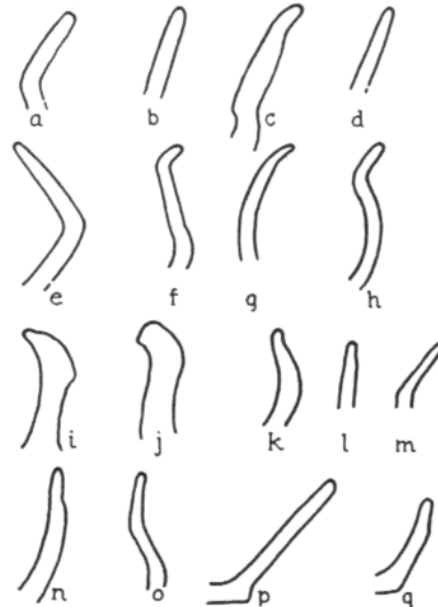


Fig.02: Perfis das bordas das vasilhas do sítio de Ciudad Real

<sup>8</sup> O termo Guarani é demasiadamente sobrecarregado na antropologia sul-americana porque possui conotações lingüísticas, arqueológicas, etnológicas e etnográficas. Em combinação com outras palavras (Tupi), tais conotações tornaram-se maiores ainda. Sugere-se que uma comissão de investigadores competentes e interessados seja formalmente convocada para definir o termo e para sugerir outros termos substitutivos para aqueles significados que não são incorporados na definição Guarani. Em nossa pesquisa nenhuma tentativa foi feita para definir o termo, o qual foi usado em vários sentidos. A autora sabe que as pessoas interessadas neste campo particular da arqueologia saberão o que ela quer dizer, já que cada um de nós tem uma idéia mais ou menos clara daquilo que o termo significa nessas circunstâncias, mas infelizmente não há nenhuma definição exata, tornando-a necessária. A definição é requerida com certa urgência antes que o trabalho tenha progredido até um ponto que todos não o reconheçam num determinado instante e assim poderão acontecer grandes mal-entendimentos em trabalhos supostamente cuidadosos e científicos.

**Guairá ungulado.** A coleta revelou grande frequência de Guairá ungulado, embora a quantidade seja menor do que o Guairá corrugado. Este artefato é feito com a pasta variando de fina a média, a qual, depois de cozida, torna-se preta no núcleo e permanece (avermelhada) de bronze para marrom no exterior. A queima desses fragmentos parece ser menos bem feita do que aquela nos fragmentos corrugados e, manchas cinza escuras ocorrem em muitos fragmentos. Fragmentos deste tipo variam de 0,6 cm a 1,1 cm, enquanto sua dureza está entre 3,0 a 4,0. Um certo fragmento ungulado merece atenção, porque parece ser um dos melhores em boa queima. Seu núcleo é cinza muito escuro (quase preto), com uma camada cor de bronze, de aproximadamente 1mm de espessura na parede externa e uma camada ainda mais fina na parede interna. As camadas extremamente finas de cor mais clara nesse fragmento e em outros dão a impressão, à primeira vista, de serem tiras decorativas de cerâmica. Contudo, esta não é a opinião dessa escritora. As camadas são consideravelmente mais grossas de que uma tira e não se quebram facilmente em lascas. Parece evidente que Outes (1917) se refere à ocorrência freqüente desse tipo de coisa na ilha Martin Garcia no Delta do Paraná, quando disse que se pode notar três diferentes zonas nos fragmentos: cor de bronze avermelhado ou vermelho na face externa; preto no meio; cor de bronze ou avermelhado na face interna.

Os artefatos ungulados são fabricados pelo processo de acordelamento, após o qual os roletes são alisados nas partes interna e externa da vasilha. O interior da vasilha é polido enquanto na superfície externa a decoração consiste numa série de incisões por unha do dedo ou do polegar. Estas incisões são geralmente aplicadas em fila e freqüentemente são paralelas ou aproximadamente paralelas umas às outras. A distância entre as filas varia de fragmento a frag-

mento, como acontece com a distância entre cada unguilação. Em certos casos imbricam-se as filas de marcas.

Semelhante ao que acontece no Guairá corrugado, as formas das vasilhas não podem ser descritas; todavia as formas das bordas comumente associadas com este tipo são representadas na fig.02 (c,d).

Exemplares desse tipo de decoração foram encontrados por Ambrosetti (1895), Outes (1917) e Lothrop (1932:134-135) no vale do Paraná. Fala-se também dessa cerâmica entre os Chiriguano contemporâneos Lothrop (1932). Presumivelmente esses exemplos são representativos de culturas similares. Métraux (1946:290), nota este fato entre certas tribos do Chaco, implicando de que eles o receberam dos grupos Guarani. Por isso ele afirma que "os Mataco, vizinhos imediatos dos Chiriguano (falantes do Guarani), decoram com mais freqüência suas cerâmicas com impressões unguladas... do que outras tribos da área". A decoração ungulada foi também notada na península San Blás, na Patagônia, e Bruzzone (1931) menciona este fato quando discute os fragmentos Querandí da Província de Buenos Aires, na Argentina. A partir das fotografias e desenhos que eu vi destes últimos, uma importante diferença dos exemplos anteriormente mencionados fica claro: a orientação das incisões unguladas na vasilha.

Nos fragmentos e nas vasilhas do vale do Paraná e dos Chiriguano, as marcas, nos fragmentos nos quais pode-se discernir a orientação na vasilha (isto é, nos fragmentos da borda), tendem a ser feitas com o eixo perpendicular à borda da vasilha, ou vertical; enquanto na cerâmica de San Blás e Punta Lara, as incisões são paralelas à borda ou horizontais. Enquanto esta distinção é no momento muito sugestiva, outras escavações e análises dos fragmentos ungulados podem prová-la como sendo meramente casual.

O fragmento apresentado por Willey (1946, fig. 17) (apud Bruzzone) evidencia a tendência de imbricação das incisões em, pelo menos, os fragmentos de Punta Lara, e permitiria a aplicação do termo "cerâmica imbricada". Voltando aos fragmentos ungulados, na coleção atual as marcas tendem a se separarem um dos outros vertical e horizontalmente e, com poucas exceções, tal cerâmica não pode ser descrita como imbricada.

Referente à maioria dos fragmentos desse tipo, oriunda de Ciudad Real, as marcas de unha direcionam-se em uma única direção, embora em certos fragmentos algumas linhas colocadas numa certa direção estejam colocadas sobre outras linhas postas na direção oposta.

**Guairá Policromo.** Os fragmentos policromos encontrados incluem uma vasilha restaurável. Geralmente a pasta varia de média a grossa. A maior parte dela é arenito temperado com areia e partículas angulares. Há evidência de que a argila (provavelmente cacos moídos), foi também usada como anti-plástico neste artefato. A espessura dos fragmentos varia de 0,9 cm a 1,4 cm, enquanto a dureza de 3,5 a 5,0. A queima do artefato produziu também um núcleo preto ou cinza escuro, e a cor de bronze a marrom na face externa.

No mesmo fragmento a pintura é vermelha, marrom e branca. É típica uma faixa branca pintada paralela e extensiva à borda, sobre a qual são pintadas linhas marrons; em baixo disso há uma faixa vermelha, abaixo da qual existe uma faixa branca sobreposta por linhas de cor marrom. Um fragmento, que pode ser deste artefato, mas provavelmente não é (possivelmente um fragmento comercial), tem linhas em cor marrom num fundo vermelho. Em todo o caso, o marrom poderia ter sido originalmente preto.

O interior de alguns fragmentos policromos era polido, enquanto certos interiores são muito ásperos. Isto sugere ou que a oleira não os poliu, ou, devido

ao fato que foram usados provavelmente como vasilhas fúnebres, que a ação dos ossos e da terra na argila resultou na "corrosão" do interior da vasilha.

A pintura, especialmente o marrom, tende a desaparecer facilmente e, em várias peças, ficou completamente apagada quando o fragmento foi encontrado. Parecia que os fragmentos da vasilha policroma restaurável haviam sido pintados com uma substância branca, embora nenhum desenho se encontra naquela parte da vasilha.

Parece que as formas da borda, mostradas na figura 2 (i, j), associadas aos artefatos policrômicos são únicas. A forma da vasilha não pode ser descrita, embora pareça que as vasilhas fossem de tamanho grande.

Este tipo de cerâmica foi apresentada por Lothrop (1932:139), Outes (1917) e Ambrosetti (1895), de sítios arqueológico do Delta do Paraná e de Misiones, Argentina. Apareceu também junto aos Chiriquano e Konibo. Lothrop (1932) também apresentou uma discussão mais detalhada de sua distribuição.

**Guairá liso.** Um grande número de fragmentos encontrados pertence a esse tipo. Geralmente a pasta desta cerâmica é média, e o arenito, composto de areia e fragmentos angulares, forma o anti-plástico. A queima produz núcleos pretos e paredes de cor bronze a marrom, como o é na maioria dos tipos. A dureza varia de 3,0 a 4,0, com a espessura dos fragmentos entre 0,7 cm e 1,2 cm.

As vasilhas desse tipo foram confeccionadas pelo processo de acordelamento; as faces interna e externa das vasilhas são alisadas e o interior frequentemente polido. Em muitos casos a superfície não é tratada a não ser por alisamento; porém uma tarja vermelha é aplicada em alguns fragmentos. A durabilidade da tarja varia de fragmento a fragmento. Uma linha incisa corre paralela à borda em muitos fragmentos de borda e a sua distância varia de um caso a outro.

Embora as formas da vasilha não pudessem ser descritas, a variedade das formas das bordas associadas a este artefato sugere uma variedade maior de formas do que é o caso com outros tipos de cerâmica (figura 2, k-o).

O Guairá liso é provavelmente semelhante àquela que Lothrop (1932:35) denominou Louça Vermelha no sítio Arroyo Malo, no Delta do Paraná. Foi também apresentada por Outes (1917), oriunda da ilha Martín García.

**Guairá escovado.** Este tipo tem pasta média, temperada com arenito (com predominância de areia), geralmente tornando-se cinza escura a preta na queima. O interior varia de cor bronze a cinza escuro; alguns são polidos. A espessura do fragmento varia de 0,9 cm a 1,2 cm e a dureza de 3,0 a 5,0. De início, pode se dizer que há uma grande variação nos fragmentos que foram agrupados juntos, especialmente no que diz respeito a detalhes da decoração, mas também de espessura, cor e forma (?). É possível que a escavação do sítio exigirá uma outra classificação. Em geral, contudo, a decoração consiste em uma série de estrias que podem ser diagonais ou paralelas à borda da vasilha; podem ser bem feitas ou feitas sem cuidado. O primeiro tipo se verifica, predominantemente, perto da borda; o segundo é mais comum perto do fundo do vaso. Estas marcações podem ser a única decoração; ou uma linha incisa pode passar paralela à borda da vasilha e quase perpendicular às marcações. Ou uma série de depressões, provavelmente feito por um instrumento sem ponta, pode circundar o vaso paralelo à borda (desconhece-se a distância da borda). Os perfis do fragmento da borda são mostrados na figura 2 (e, h).

É desconhecida a técnica (ou as técnicas) na aplicação desta decoração. Al-

guns fragmentos dão uma impressão de terem sido limpos ou por alguma vegetação ou por escova. Outros são estriados tão igualmente que sugerem um pente (possivelmente de bambu). Uma outra possibilidade foi sugerida por Nordenskjöld (1920:137). Falando da cerâmica acordelada dos Chiriquano e dos Chané, ele disse:

Pedras, conchas e sabugo vazio de milho são usados para alisar as vasilhas. Este último deixa marcas características. Parece que um instrumento em forma de pente foi aplicado. As marcas diminuem a maciez do vaso e assim fica mais difícil cair das mãos. O sabugo é, portanto, especialmente usado na fabricação de potes para cozinhar e de grandes utensílios<sup>9</sup>.

A distribuição desse artefato coloca um problema interessante. Lothrop não menciona sua ocorrência nos sítios que ele escavou no Delta do Paraná (e um deles ele identificou como de ter sido ocupado por índios Guarani). Outes também não menciona esse tipo de artefato nos sítios que ele escavou na mesma região que, supostamente, são representativos da mesma cultura. Mais ao norte, Ambrosetti, em suas escavações em Misiones (vale do Paraná), não menciona este tipo, embora estes sítios sejam facilmente denominados como de proveniência Guarani. Na coleção de superfície de Ciudad Real, que, como demonstraremos, é de proveniência Guarani, este artefato é muito abundante a cerca de 150 a 200 milhas ao norte dos sítios escavados no mesmo rio por Ambrosetti.

Nordenskjöld (1920:137), fala de sua distribuição:

Eu já vi vasilhas marcadas desse jeito (com sabugo de milho) em Ojo de Agua no extremo norte da Argentina. Por outro lado, essas marcas não estão na cerâmica que eu descobri em minhas escavações em Cai-pipende e em toda a região nordeste da Bolívia.

<sup>9</sup> Não se sabe ao certo se esse é o argumento de Nordenskjöld ou o dos Índios. Contudo, parece ser mais plausível do que aquele que freqüentemente é aventado, ou seja, a aspereza proporciona uma superfície maior de aquecimento.

Admitindo que a completa distribuição desse tipo de decoração da superfície não seja conhecida, ela coloca problemas interessantes. Se os sabugos de milho foram usados na manufatura, sua presença em um grupo dependeria da presença da cultura de milho (barrando a possibilidade de ter obtido o sabugo de milho através de comércio). A falta desse tipo de decoração, portanto, não poderia ser usada como argumento de falta de cultura de milho.

Muito interessante é a ocorrência abundante desses fragmentos em Ciudad Real, enquanto ao sul, em Misiones, e mais ao sul ainda, no Delta do Paraná, os sítios supostamente habitados por grupos culturalmente muito semelhantes não possuíam esse tipo de cerâmica<sup>10</sup>. Supõe-se que os povos de cultura Guarani, migrando ao sul para o Delta do Paraná, levaram juntos a agricultura e as sementes de milho para as plantarem lá. Certas tentativas para solucionar este problema seriam atualmente mera especulação e não têm lugar neste estudo. Não podemos assumir, portanto, que sabugo de milho foi usado na técnica decorativa em Ciudad Real. É apenas uma possibilidade. A variação dos fragmentos também sugere o uso possível de objetos como escova, grama e pente de bambu<sup>11</sup>.

## Outros Fragmentos

Os tipos de fragmentos que não são representados em quantidade suficiente para garantir uma classificação bem definida são: nodulado, marcado com trançado e inciso. Espera-se que as escava-

ções forneçam maiores esclarecimentos sobre estes fragmentos e que eventualmente poderemos saber se formam parte integral da tradição cerâmica no sítio ou se são fragmentos provenientes de outros lugares (provavelmente produtos de comércio). Por enquanto parece que são fragmentos de comércio.

**Nodulado.** É representado por apenas dois fragmentos na coleta de superfície. A pasta é de média a áspera e o anti-plástico consiste em arenito, embora as partículas angulares sejam mais abundantes do que nos tipos acima mencionados. Após a queima o núcleo é cinza escuro e o exterior é marrom avermelhado. A espessura é de 0,9 cm e a dureza de 4,5.

São dois tipos de decoração. A parte superior do fragmento é escovada; a parte mais baixa e maior é coberta por protuberâncias ou nódulos de argila que parecem ter sido aplicados à superfície da vasilha depois que os roletes tenham sido alisados, mas antes da queima. (Isto é uma sugestão de que a superfície externa tenha sido escovada antes da aplicação dos nódulos. Possivelmente a vasilha foi "alisada" com sabugo de milho, como Nordenskjöld havia descrito. Contudo, é difícil dizer). Estes nódulos parecem ter sido bem afixados na vasilha através da aplicação de pressão sobre dois ou três lados da sua base com algum instrumento áspero. Uma protuberância é maior do que as outras e poderia ser um puxão. O interior da vasilha foi alisado, mas não polido. Agora a superfície interna tem uma aparência de trincado.

<sup>10</sup> Como Howard mostrou (correspondência pessoal), é possível que este tipo "não chamou a atenção de outros investigadores como Ambrosetti". Isto pode ser verdadeiro. Contudo, no caso de Lothrop e Outes, ambos manusearam uma grande quantidade de material e parece improvável que eles não tenham notado os artefatos escovados, especialmente se ocorreram em quantidades aproximadas às de Ciudad Real. Howard também chamou a atenção a um artigo de Max Schmidt (1932), no qual ele mostra os seguintes artefatos do Paraguai especialmente da vizinhança de Ipané: corrugado, unguilado, policromo, escovado e liso.

<sup>11</sup> Um experimento foi realizado para ver que tipo de decoração estriada podia ser feito na pasta e com os vários tipos de sabugo de milho. O sabugo de milho, de pipoca e de milho inferior conseguiram fazer um desenho mais próximo de alguns fragmentos Guairá escovados. Contudo parece improvável que todos os fragmentos agrupados juntos como Guairá escovado, foram decorados por sabugo de milho. Atualmente não há nenhuma prova que algum deles foi feito dessa maneira.



Pouco pode se dizer a respeito da distribuição desse tipo especial de fragmento. Lothrop (1932, fig. IX/b) dá um desenho de um fragmento pequeno de cerâmica que parece semelhante aos dos pedaços encontrados em Ciudad Real. Ele menciona que a peça é um tipo de Louça Vermelha "coberta com pontas" (Lothrop, 1932:137). Essa descoberta (feita em Arroyo Malo), junto com outras formas "não usuais", faz com que ele conclua de que o sítio é "aparentemente o limite sul de características largamente distribuídas de cerâmica".

Num relato etnográfico sobre os índios Mataco e Chorotí do Chaco, Métraux (1946:290) disse que "certos potes de cozinhar são ornamentados com uma série de pelotas pequenas de argila, colocadas na superfície quando a argila está fresca".

Não há nenhuma indicação que a marcação por escova fosse combinada com nódulos nesses dois casos, como realmente se verifica em Ciudad Real.

**Impresso com trançado.** Apenas um exemplar impresso com trançado foi encontrado. A pasta é média e endurecida por arenito; com a areia predominando sobre as partículas angulares. Diferente da maioria dos outros fragmentos, é totalmente de cor uniforme - isto é, avermelhado. A superfície interna do fragmento foi alisada, mas não polida (há indícios de engobo). A decoração consiste em impressões com trançado, provavelmente feita ou por aplicação de um pedaço de cesto à superfície ou por aplicação de argila à superfície interna do cesto, quando da construção da vasilha. É impossível determinar a técnica manufatureira a partir do fragmento. Embora o exemplar esteja muito gasto, a textura parece ter sido de um simples cesto trançado. O fragmento mede 1,0 cm de espessura e sua dureza é de 3,0.

Aparício (1942:45) descobriu uma quantidade de fragmentos impressos com pedaços de rede em Mar Chiquita, na província Argentina de Córdoba. Serano (1945:195) discute longamente o impresso com trançado que se encontra com certa frequência em Córdoba, onde parece ser prática comum moldar vasilhas de argila sobre cestos. O impresso com trançado que Schmidt (1940) encontrou no Mato Grosso [do Sul] é de proveniência vizinha à Ciudad Real.

**Inciso.** Os fragmentos com riscos incisivos oriundos da coleta foram divididos em seis categorias para facilitar a sua descrição. Devido à escassez destes tipos de fragmentos na coleta não seria conveniente dividi-los em subtipos, embora difiram suficientemente um do outro para que este fato possa ser salientado em qualquer descrição inicial. Talvez quando o sítio for escavado, esses serão representativos de um número determinado de tipos, ou serão apenas de proveniência alheia ou fragmentos de comércio. [Encontramos:]

a) um fragmento de borda, cor cinza escuro, feito de pasta média, temperada com arenito, que inclui areia e partículas angulares. O interior da vasilha foi alisado mas não polido antes da queima. O fragmento tem 1,0 cm de espessura e 3,0 de dureza. À primeira vista a decoração parece consistir em incisões médias retilíneas e curvilíneas. As irregularidades nas paredes das incisões, contudo, que se tornam mais claras em molde de plasticina, sugerem que um cordão foi usado para fazer as incisões, com a raspagem subsequente do fundo da incisão com algum tipo de instrumento. A utilização dessa marca de cordão, se essa hipótese está correta, é sugestiva da cerâmica Mbayá-Kadiwéu<sup>12</sup>.

b) um fragmento de borda, cor bronze avermelhado de fina pasta, temperada por arenito, predominantemente areia. O fragmento tem 0,8 cm de diâ-

<sup>12</sup> Similar da massa de modelar (nota dos tradutores).

metro, com 3,0 de dureza. A pasta é uniformemente de cor bronze avermelhado em toda a sua extensão. O interior da vasilha foi alisado, mas não polido. A decoração externa da vasilha consiste em finos traços incisos.

c) um pequeno fragmento, de cor bronze avermelhado, de pasta média temperada com areia e partículas angulares. O núcleo é preto com cor bronze avermelhado nas superfícies. O fragmento tem uma espessura de 0,8 cm e 3,5 de dureza. O interior da vasilha foi alisado, mas não polido. A decoração externa consiste em traços incisos em forma de zigzag.

d) um fragmento cor cinza escuro, com pasta média temperada com arenito, areia e partículas angulares. A cor é uniforme em toda a sua extensão. O fragmento tem uma espessura de 0,8 cm e a dureza de 4,0. O interior da vasilha foi alisado, mas não polido. A decoração externa da vasilha consiste em finos traços incisos.

e) um pequeno fragmento de pasta média temperada com arenito. A cor é preta no núcleo, com cor bronze avermelhada na superfície externa. O fragmento tem 0,8 cm de espessura e mede 3,0 em dureza. O interior da vasilha foi alisado, não polido; tem uma aparência de trincado. A decoração na face externa da vasilha foi feita com finos traços incisos parcialmente obliterados.

f) dois fragmentos de pasta média a áspera, temperada por arenito, inclusive com algumas partículas angulares relativamente grandes e areia. A cor varia de bronze a bronze avermelhado em toda a sua extensão. A espessura do primeiro fragmento é de 0,6 cm; do segundo 1,0. A dureza do primeiro é 3,5 e do segundo 4,0. As duas peças têm decoração incisa na parte interna; e sugerem uma vasilha achatada ou um prato. A parte externa das vasilhas foi alisada, mas não polida. As linhas incisivas são largas e ambas curvilíneas e retilíneas. Nada foi encontrado sobre este tipo de artefato na

literatura pesquisada. A pintura no interior das vasilhas tem sido especialmente registrada por Boggiani (1895; Métraux, 1946:291) para os índios Mbáya, e por Serrano (1938) das escavações em Santiago de Estero.

Não foi determinada a proveniência de cada fragmento decorado com linhas incisivas. Devemos levar em consideração, contudo, que as decorações com linhas incisivas é comum entre certas tribos dos Pampas e do Chaco. Alguns fragmentos com linhas incisivas provenientes de Ciudad Real mostram grande similaridade a outros que Lothrop (1932), por exemplo, indica que foram feitas por alguns grupos índios dos Pampas.

"Cerâmica Paraguaia Moderna". É preciso mencionar finalmente alguns fragmentos de artefatos de cerâmica "paraguaia moderna", que também foi encontrada em Ciudad Real. Esta cerâmica tem núcleo preto e superfícies vermelhas. Manufaturados sobre um torno, os fragmentos diferem consideravelmente, em sua forma, da maioria dos fragmentos encontrados. É possível que os índios neste sítio tenham feito este tipo de cerâmica após introduzirem o torno europeu. Atualmente é impossível fazer uma identificação precisa destes fragmentos.

## Material histórico

Como já foi dito, o sítio onde os fragmentos cerâmicos foram retirados está localizado na margem leste do rio Paraná, em sua confluência com o rio Piquiri, no estado do Paraná (fig.01). O primeiro nome dado à região no qual o sítio está localizado é "Guairá"; foi descoberto pelos europeus sob a liderança de Alejo Garcia, em 1524. Naquele ano um dos navios da expedição de Juan Díaz de Solís naufragou perto da Ilha de Santa Catarina na costa brasileira. Garcia, um membro do grupo, ouvindo narrativas de uma terra cheia de riquezas em algum lugar no ocidente (provavelmente terri-

tório Inca) partiu nesta direção guiado por vários índios. Atravessaram a distância entre o Atlântico e o rio Paraná, norte do Iguazu, e continuaram até o rio Mondaí. Conseqüentemente, este grande território foi incorporado aos domínios do rei da Espanha e sujeito ao controle das autoridades da província espanhola do Rio de La Plata, sediada em Assunção, no Paraguai. Uma parte desta zona rica foi chamada de "Província del Guairá". Guzmán atribui o nome ao chefe de uma tribo Guarani, o qual naquela época vivia perto das Sete Quedas.

Esta província está localizada entre 22'30" e 25'30" latitude e 49'30" e 54'30" longitude oeste de Greenwich. O rio Paranapanema forma o limite ao norte, o rio Iguazu o limite ao sul, as colinas Guairairu ou Caiyú o limite oriental e ao oeste o rio Paraná.

Neste resumo o nosso foco não se estenderá sobre a história da região inteira, mas sobre aquela parte que tem interesse direto sobre o nosso material, afim de que possamos aprender algo sobre o sítio e seu ambiente no período histórico<sup>13</sup>.

**Assentamentos.** O primeiro assentamento no Guairá, chamado de Ontiveros, foi organizado em 1554. Guzmán ([1612] 1882:142), disse o seguinte:

[Irala] deu autorização ao capitão Garcia Rodriguez de Vergara para que, com sessenta soldados, fosse estabelecer esta aldeia; e, tomando os apetrechos necessários, saiu de Assunção em 1554, e com bom sucesso chegou ao Paraná; passou para o outro lado onde foi bem recebido pelos índios da região, e considerando o lugar muito apropriado para a construção de uma aldeia, a construiu mais ou menos longe uma légua acima do grande salto no país dos índios sujeitos ao cacique Canindejú, que era muito amigo dos espanhóis.

<sup>13</sup> A abundância de literatura histórica sobre Ciudad Real, Guairá e o vale do Alto Paraná em geral incluem fontes de natureza primária, secundária, terciária e até quaternária. Naturalmente variam em qualidade e em fidelidade. Nenhuma tentativa foi feita nesta pesquisa para avaliar formalmente as fontes, mas pode se dizer que aquelas citadas são entre as mais aceitáveis. Em estudos etno-históricos completos da região ou em qualquer outro estudo onde se usam essas fontes, algumas anotações de valor devem ser feitas.

Ontiveros, o primeiro assentamento espanhol no Guairá, foi localizado a uma curta distância ao sul do sítio em que estamos interessados. Dentro de um período curto de tempo após sua fundação, contudo, os índios de Ontiveros se rebelaram e os espanhóis amarguraram um fracasso em sua primeira tentativa para formar uma colônia na província. Havia também um conflito aberto entre dois partidos de espanhóis.

Uma segunda tentativa de colonização foi feita depois de dois anos, em 1556. Esta colonização é de grande importância na nossa discussão. Guzmán (1882:58), disse:

O capitão Melgarejo partiu com cem soldados e com sucesso chegou ao Paraná, atravessou para a região do Guairá, e, tendo especulado sobre a disposição do terreno, deu início à fundação da cidade três léguas acima da vila de Ontiveros, dando-lhe o nome de Ciudad Real, de onde reuniu toda gente que antes havia ficado nas redondezas daquele salto perigoso, porque pensou ser melhor o lugar desta fundação do que naquela da vila de Ontiveros. Isto aconteceu no início de 1557, em um lugar rodeado de muita floresta e árvores junto ao rio Paraná, na boca do rio Piquiri.

Ciudad Real era realmente o segundo assentamento espanhol construído na Província de Guairá, e o primeiro a permanecer por mais tempo. Foi fundado na confluência dos rios Piquiri e Paraná, no lugar do sítio de onde os fragmentos analisados acima foram coletados.

De acordo com Guzmán (1882:84), a seleção do sítio para a aldeia não foi tão feliz, porque "além dos vapores que saem das matas, está situada abaixo do Trópico de Capricórnio, de tal modo que o calor do sol é muito nocivo e no outono provoca febres agudas e doenças pesadas. Hernández (1913:10), menciona o clima de Ciudad Real e disse que "uma

penosa doença de febres muito comuns naquele terreno baixo e quase pantanoso de Ciudad Real”.

Em 1570 Melgarejo, ouvindo falar de uma terra a leste de Ciudad Real, onde havia depósitos de ouro, deixou a vila para fundar (cronologicamente) um terceiro assentamento, o qual, devido à sua localidade numa área supostamente rica em minerais, ele chamou de Vila Rica del Espiritu Santo. Esta aldeia ficava aproximadamente sessenta léguas a leste de Ciudad Real. (Há dúvidas expressas por alguns autores sobre a sua exata localização, porém isso não é de grande importância para nossa discussão).

A partir do tempo de sua fundação ao período em que os espanhóis abandonaram o Guairá, Villa Rica aparece mais freqüentemente nas fontes históricas do que Ciudad Real. Talvez isto aconteça por vários fatores, inclusive a sua melhor localização em relação ao ambiente. Cardozo (1938:43), disse: “a Villa Rica estava no próprio coração da província, em um lugar alto, povoado e fértil”.

Já foi mencionada a escolha infeliz do assentamento de Ciudad Real. Embora a margem do rio esteja cinquenta a setenta e cinco pés abaixo do sítio, é fácil compreender que neste local o clima estaria extremamente úmido, os mosquitos e vários insetos seriam abundantes e, em geral, a localidade não seria ideal.

**População.** Parece evidente que, em meados do século 16, a área possuía uma considerável população indígena. Aludindo a esta província, Cardozo (1938), disse “como conseqüência das relações estabelecidas entre os conquistadores de Assunção e os povoadores indígenas da zona do Guairá - *povoadíssimo* - foi a presença na capital ...”.

A população índia em Ciudad Real no tempo da chegada dos espanhóis é mencionada na literatura. O número dado é, sem dúvida, muito alto, já que

os primeiros exploradores espanhóis e mais tarde os missionários no vale do Paraná exageravam a contagem. Guzmán (1882:159), disse: “Calculou-se naquela província e em todos os rios vizinhos a esta cidade 40.000 fogos, compreendendo um índio, sua mulher e filhos em cada fogo...”. Lozano se refere à população índia de Ciudad Real: “O país (Guairá) estava altamente povoada por índios, tanto que, em 1557, Irala fez um censo de todos que viviam nas imediações de Ciudad Real, e calcularam 45.000 famílias, o que bem supõe 200.000 pessoas” (cf. Lozano, 1874, v. 3, cap. 2).

Nota-se que a contagem inclui também a área ao redor do atual sítio arqueológico. Ignora-se, porém, o tamanho desta região. Cardozo (1938), disse que em Villa Rica “calcula-se que a população indígena era de 300.000 índios”.

Poucos números referentes à população espanhola são disponíveis. Montoya indica que mesmo num período tardio, ou seja, em 1601, quando os Jesuítas entraram na área em grandes números, havia apenas 50 espanhóis na Ciudad Real e 100 em Villa Rica. Sem dúvida, a população das duas cidades havia mudado dos tempos de sua fundação até aquele período. De acordo com Guzmán, 100 espanhóis estavam na companhia fundadora de Ciudad Real, enquanto Melgarejo nos conta que 40 homens o acompanharam em sua viagem para fundar Villa Rica.

Narram-se agora alguns acontecimentos em Ciudad Real. Infelizmente a população nativa ou aborígine é raramente mencionada nas fontes históricas. Aludem-se a certos acontecimentos, os quais, embora refiram-se particularmente aos espanhóis, deveriam ter influenciado a vida da população indígena, e poderiam, quando o sítio for escavado, ser ligados às descobertas arqueológicas.

**Rebeliões.** Na leitura das narrativas do período de ocupação espanhola em Ciudad Real, impressiona a ocorrência de muitas rebeliões. (Incluem-se aquelas entre facções de espanhóis, como também entre índios e espanhóis). Em aventar as razões para isto, Cardozo (1938) poderia estar correto quando disse:

As cidades do Guairá se caracterizam por sua altivez que se traduz, repetidas vezes, desde a sua origem em rebeliões e anarquias, talvez porque suas populações foram os rebeldes de Assunção enviados ali pelo governador precisamente para se livrar de sua presença, ou por causa da enorme distância que ficava da cidade mãe, a qual tão pouco podia vangloriar-se de ser muito disciplinada, ou porque, na verdade, os tenentes que exerciam autoridade não eram os melhores. Assim, aqueles núcleos humanos viveram desde a sua origem, como Assunção mesma, donos de seus próprios destinos.

A primeira revolta da província aconteceu no primeiro assentamento estabelecido, Ontiveros, a pouca distância ao sul da Ciudad Real. Em 1561 ocorreu em Ciudad Real uma revolta de índios contra Ruy Diaz de Melgarejo. Nem Guzmán (1882), nem Azara (1934), duas das primeiras fontes, dão uma razão para esta revolta. Sabemos, porém, que um pedido de socorro foi enviado e Alonso Riquelme de Guzmán, com sessenta espanhóis, chegou para socorrer os compatriotas assediados: "Conseguiu romper o cerco e salvar a cidade sitiada e os seus defensores. Riquelme e seus expedicionários recorrem a província em missão de pacificação. Depois de ter matado a muitos índios infelizes voltaram a Assunção em 1562" (Cardozo, 1938).

Em 1569 uma terceira revolta aconteceu, desta vez entre facções de espanhóis. Um certo grupo de homens que havia achado cristais, acreditando serem pedras preciosas, pediu permissão ao governador para chamar atenção do rei

da Espanha sobre este assunto<sup>14</sup>. A permissão foi recusada e os homens revoltados abandonaram a cidade. Todas estas rebeliões aconteceram antes da fundação de Villa Rica del Espiritu Santo, o terceiro assentamento espanhol na província do Guairá.

**Doenças:** Como acontecia no contato entre os europeus e a população nativa em muitas partes do mundo, as doenças se propagavam pela América do Sul. A peste de 1589 é a primeira epidemia que atravessou a província de Guairá. Hernández (1913:6), disse: "a terrível peste que havia chegado um ano antes em Cartagena de Índias, correu por toda a América do Sul, propagando-se somente entre os nativos, sem atingir as pessoas nascidas na Europa".

Ele também refere à peste em Ciudad Real quando menciona que dois padres, após socorrerem os doentes de Assunção, voltaram a Villa Rica e a Ciudad Real, "aonde se havia estendido o mal; e não tiveram pouco que fazer em auxiliar também ali aos doentes da raça branca, mas *especialmente aos índios, em quem todavia se alimentava mais o contágio*" (Hernández, 1913; grifo nosso).

**Economia:** Algumas informações foram fornecidas por Hernández para a Ciudad Real, pelo menos no que diz respeito à situação econômica. Estes poucos fatos sugerem a que ponto a economia dos nativos deviam ter sido influenciadas pelos espanhóis. Produziam-se vinho, cana de açúcar, algodão e têxteis; a cera era colida nas florestas. Os índios cultivavam mandioca, amendoim, batatas e abóboras. De acordo com Montoya, a banana também era conhecida e usada como alimento. De grande importância econômica, do ponto de vista dos espanhóis, era a erva mate, que poderia ser colhida nas florestas e mandada para fora da província. Evidentemente Villa

<sup>14</sup> Um dos homens que atualmente moram no sítio encontrou vários cristais de quartzo na vizinhança. Ele também especulava se não eram pedras preciosas.

Rica estava localizada em um lugar mais estratégico do ponto de vista da quantidade de árvore de mate do que a Ciudad Real, um fato que indubitavelmente era uma das razões da sua maior importância durante a dominação espanhola.

Presumivelmente, o motivo principal dos espanhóis que colonizaram o Guairá era a exploração dos recursos naturais da área. Explorava-se a mão de obra nativa e encontra-se descrito e discutido na literatura o sistema de *encomienda de mitayos* e *yanacunas*, através do qual o trabalho e o serviço dos índios foram explorados pelos espanhóis. Referente a Ciudad Real, Guzmán (1882:159) disse que os índios foram encomendados a setenta espanhóis.

**Missionários.** A primeira influência dos missionários em Ciudad Real aconteceu em 1588, quando Manuel Ortega e Tomas Filds chegaram à cidade. Trabalharam ali por cerca de um mês batizando os espanhóis e os índios. Depois foram para Villa Rica onde, durante três meses, batizaram a população espanhola e índia (mais uma prova de que havia uma população maior em Villa Rica).

A história do trabalho dos Jesuítas na província do Guairá é uma longa história. A fundação das reduções e as atividades de catequese eram intensivas. O efeito de sua presença sobre a cultura dos índios deveria ter sido muito grande e poderia ser estudada em maiores detalhes com grande vantagem. Uma análise deste período histórico está além dos limites de nossa pesquisa, não apenas por causa da quantidade de detalhes, mas porque Ciudad Real jamais foi uma redução ou, enquanto saibamos, completamente dominada pelos missionários. Durante os séculos 17, 18 e 19, poucos dados sobre Ciudad Real são dispo-

níveis. Não temos nenhuma indicação sobre a data exata da deserção de Ciudad Real pelos espanhóis. Contudo, eles deixaram a província em meados do século 17, forçados pela marcha dos brasileiros vindo do leste.

## Resumo e Conclusões

Os dados etnológicos, arqueológicos e históricos são disponíveis para a identificação cultural do material acima discutido. A partir das fontes históricas sabe-se que o sítio em questão foi habitado pelos índios Guarani na pré-história (pelo menos, na pré-história tardia) e no período histórico, e também por exploradores espanhóis durante um certo período histórico<sup>15</sup>. Pelo que saibamos, este é o primeiro sítio Guarani observado historicamente onde o reconhecimento arqueológico foi feito. Sem dúvida há muito mais sítios arqueológicos nesta mesma região e, espera-se, que uma investigação mais completa e outras escavações possam ser feitas em futuro próximo.

Devido à grande semelhança entre o material de Ciudad Real e aquele do vale do Paraná, identificado como Guarani, a informação arqueológica é de grande valor na identificação cultural deste sítio. Em 1895 Ambrosetti identificou como Guarani o material arqueológico encontrado em Foz do Iguaçu, Yaguarazapá e outros lugares nos dois lados do rio Paraná. De fato, ele o identificou como Caingá [cf. James B. Watson, 1945]. Mais recentemente, Outes (1917, 1918) e Lothrop (1932) identificaram materiais semelhantes encontrados em sítios no delta do Paraná como Guarani.

Etnologicamente, a cerâmica moderna Chiriquano, em contraste com aque-

<sup>15</sup> Evidências arqueológicas da ocupação espanhola consistem nas telhas que foram encontradas na superfície, possivelmente a cerâmica já mencionada e denominada paraguaia moderna (neste caso o termo "paraguaia moderna" deve ser abandonado), e duas grandes árvores unidas a cerca de doze pés acima do chão para formar um único tronco. O arco é impressionante; a árvore é de um tipo completamente diferente das outras na região e provavelmente foi trazida da Europa. Os brasileiros a chamam de figueira, um termo que é aplicado a vários tipos de árvores, portanto, pouco útil para sua identificação.

la de outros grupos Guarani, especialmente os Cayuá<sup>16</sup>, é muito semelhante àquela encontrada em Ciudad Real. Não se sabe se o sítio foi habitado por apenas um único grupo de pessoas durante um certo período ou em vários períodos na história do sítio. As escavações com certeza ajudarão a esclarecer este problema. Daquilo que se sabe do povo Guarani e da região, é razoável supor que este sítio foi ocupado somente pelos Guarani, com a exceção possível de que algum outro grupo poderia ter vivido lá em outra época anterior à ocupação Guarani. Se estudos estratigráficos indicarem a precedência de algum grupo antes dos Guarani em Ciudad Real, prescindindo do período relativo da antecedência, esclarecimentos virão sobre os problemas pendentes, referentes ao lugar de onde os Guarani e mais habitantes vieram para a região, a qual, mais tarde, será fortemente povoada pelos Guarani. As escavações da Ciudad Real deveriam dar também algumas indicações sobre a densidade populacional.

O material da superfície indica que os Guarani de Ciudad Real se envolviam ou se beneficiaram de comércio extensivo. O problema todo da extensão temporal e espacial e da intensidade destas relações deverão ser esclarecidas com as futuras escavações. Atualmente há indícios de interrelacionamento com povos dos Pampas, do Chaco e do Mato Grosso, de culturas diferentes da Guarani. Estes abrangem uma área extremamente extensa. Provavelmente indícios de contato com culturas do Peru poderiam ser esperados em pesquisas

futuras. Sem dúvida havia um contato entre os povos de Ciudad Real e outros grupos Guarani, especialmente aqueles no leste do Brasil<sup>17</sup>. Esses contatos serão mais difíceis de reconhecer devido à identidade e à similaridade cultural.

Nessas conexões, deve ser lembrado que o rio Paraná tendeu a ter grande influência sobre as pessoas que viviam no seu vale e, portanto, não seria uma surpresa encontrar que os Guarani que habitavam suas margens estavam em contato mais profundo com grupos rio abaixo e nos seus afluentes ocidentais do que estavam com várias tribos no Brasil (exceto aquelas nos afluentes do Paraná que em tempos pré-históricos tardios e históricos parecem ter sido predominantemente Guarani). Até hoje o Paraná exerce uma grande influência sobre os habitantes de seu vale; tanto que muitos brasileiros do sul do Mato Grosso, por exemplo, sentem laços mais fortes com as províncias argentinas ao sul do que aos estados brasileiros vizinhos. A bem desenvolvida indústria extrativa brasileira do mate (*Ilex paraguariensis*) é intimamente mais próxima da Argentina que do Brasil e manda grande quantidade de seu produto, extraído no sul do Mato Grosso, rio abaixo para Buenos Aires, muito mais do que aquele que atravessa o país em seu caminho para o Rio de Janeiro.

Parece razoável supor que as escavações em Ciudad Real ajudaram a resolver o problema importante do efeito da cultura européia sobre a cultura Guarani. Em fontes históricas há algumas referências sobre este ponto. Deveria ser

<sup>16</sup> A cerâmica contemporânea Cayuá é um artefato relativamente bruto e não decorado. A arte da cerâmica em pelo menos uma aldeia Cayuá (Taquapiri, no sul do Mato Grosso) está a beira da extinção. Três anciãs ainda sabem fazer vasilhas de argila, mas não o fazem freqüentemente. Em 1943 a autora viu quatro vasilhas em processo de manufatura em Taquapiri. Naquele tempo não havia mais de que cinco ou seis vasilhas de argila em toda a aldeia e havia pouca preocupação da parte dos habitantes, já que nenhuma jovem estava aprendendo a técnica de fazer cerâmica.

<sup>17</sup> Artefatos semelhantes foram encontrados no sul do Brasil, mas existe pouco material publicado. Recentemente Dr. Herbert Baldus da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo colecionou fragmentos de sítios no estado do Paraná. A autora desse artigo teve a oportunidade de ver as fotografias de alguns desses fragmentos em 1945. São altamente semelhantes a certos tipos Guairá, particularmente o corrugado (que, naquela época, pelo menos, Baldus acreditava não ser de impressão digital), unglado, policromo e (acredito) liso.

interessante comparar essas referências com as descobertas arqueológicas e aumentar esta informação escrita. Estudos etnológicos também serão de grande valor nesta região. Portanto, parece que Ciudad Real será um sítio importante na cooperação entre o arqueólogo, o etnólogo e o etno-historiador.

Mais uma vez deve-se insistir de que o material discutido aqui não é apenas aquele coletado na superfície do sítio; representa ele apenas uma faceta da cultura material cerâmica. A insuficiência desse tipo de material, por si só, é reconhecida. As escavações darão um conhecimento mais completo da cultura material, como também, espera-se, indícios ou sugestões de outros aspectos da cultura. Poucas conclusões importan-

tes poderiam ser aventadas até que o complexo de características culturais possa ser estudado.

Respostas a esses problemas, como também àquelas mencionadas em outras seções desta pesquisa, dependem não apenas de escavações do sítio de Ciudad Real, mas também de um conhecimento maior da arqueologia do Vale do Paraná e das áreas vizinhas. É imperativo que sejam procuradas as seqüências estratigráficas, na tentativa de se obter um quadro cronológico da área. Quando a totalidade da área for mais conhecida, o conhecimento arqueológico sul americano será mais enriquecido através das comparações deste material e os dados oriundos das áreas vizinhas.

## Referências Bibliográficas

- AMBROSETTI, J.B. 1895. Los cementerios prehistóricos del Alto Paraná (Misiones). *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, 15:227-263.
- APARÍCIO, F. 1942. Arqueología de la laguna de los Porongos. Relaciones. *Revista de la Sociedad Argentina de Antropología*, 3:45-51.
- AZARA, F. 1934. *Viajes por la América Meridional*. 2v. Madrid, Espasa-Calpe.
- BRUZZONE, R. 1931. Notas arqueológicas. Breve reseña del material recogido en Punta Lara. *Notas preliminares del Museo de la Plata*, 1:339-354.
- BOGGIANI, G. 1945[1895]. *Os Caduveos*. São Paulo, Martins.
- CARDOZO, R.I. 1938. *El Guairá, Historia de la antigua Provincia*. Asunción, Jesús Menendez.
- GUZMÁN, R.D. 1882. *Argentina. Historia del descubrimiento, conquista y población del río de la Plata*. Buenos Aires, Imprenta y Librería de Mayo.
- HERNÁNDEZ, P. 1913. *Organización social de las doctrinas Guaraníes de la Compañía de Jesús*. Barcelona, Gustavo Gili, 2 v.
- LOTHROP, S.K. 1932. Indians of the Paraná Delta, Argentina. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 33:77-232.
- LOZANO, P. 1874. *Historia de la Conquista del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*. Buenos Aires, Imprenta Popular. v.3.
- MÉTRAUX, A. 1946. Ethnography of the Chaco. In: J.STEWARD (ed). *Handbook of South American Indians*, 1:197-370.
- NORDENSKJÖLD, E. 1919. *An Ethno-Geographical analysis of the material culture of two Indian tribes in the Gran Chaco*. Comparative Ethnographical Studies, n.1.
- NORDENSKJÖLD, E. 1920. *The changes in the material culture of two Indian tribes under influence of new surroundings*. Comparative Ethnographical Studies, n.2.
- . 1924. *The Ethnography of South America seen from Mojos, in Bolivia*. Comparative Ethnographical Studies, n.3.



- OUTES, F.F. 1917. Hallazgo arqueológico en la isla de Martín García. *Anales de la Sociedad Científica Argentina*, 82:265-277.
- . 1918. Nuevos rastros de la cultura Guarani en la cuenca del Paraná inferior. *Anales de la Sociedad Científica Argentina*, 85:153-182.
- SCHMIDT, M. 1932. Nuevos hallazgos prehistoricos del Paraguay. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, 3(3):81-101.
- . 1940. Nuevos hallazgos de grabadas rupestres en Matto Grosso. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, 5(1):63-72.
- SERRANO, A. 1945. *Los Comechingones*. Aborígenes Argentinos, v. 1. Córdoba, Instituto de Arqueología, Lingüística y Folklore de la Universidad Nacional de Córdoba.
- WATSON, J.B. 1945. Historic influence and change in the Economy of a Southern Mato Grosso tribe. *Acta Americana*, 3:3-25.
- WATSON, V.D. 1945. An exemple of rural brazilian acculturation. *Acta Americana*, 3:152-162.
- WILLEY, G.R. 1946. Archaeology of the Greater Pampa. In: J.STEWARD (ed). *Handbook of South American Indians*, 1:25-46.